

GOVERNO Nas primeiras horas de ontem, Bolsonaro afirmou não ter fome no Brasil, chamou Nordestinos de "paraíba" e atacou Miriam Leitão

# Café com sabor de polêmica

Da redação com agências

**D**urante café da manhã com jornalistas estrangeiros no Palácio do Planalto, na manhã desta sexta-feira (19), o presidente Jair Bolsonaro (PSL) disse ser uma "mentira" afirmar que existe fome no Brasil. Para o presidente, há um exagero em se dizer que a fome seja um problema crônico no País. Bolsonaro disse que "não se vê gente, mesmo pobre, pelas ruas, com físico esquelético" e criticou o que chamou de "discurso populista". A declaração foi em resposta a um repórter do jornal espanhol El País sobre planos do governo federal para conter o aumento da pobreza e da fome no País.

"Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal, não come bem. Aí eu concordo. Agora, passar fome, não. Você não vê gente pobre pelas ruas com físico esquelético como a gente vê em alguns outros países por aí pelo mundo", disse Bolsonaro.

A declaração do presidente é rebatida por estatísticas recentes de instituições como a ONU, o IBGE e o Ipea, e foi criticada por especialistas em economia e evolução de índices sociais no Brasil.

Relatório do Panorama da Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe 2018, divulgado em novembro pela ONU, mostrou o crescimento da fome no Brasil. O estudo estimou que a desnutrição alcançou até 5,2 milhões de brasileiros entre 2015 e 2017, ante os 5,1 milhões calculados para os triênios 2014-2016 e 2013-2015. No triênio 2000-2002, 18,8 milhões de brasileiros sofriram com a fome.

Depois do encontro com correspondentes no Planalto, Bolsonaro se irritou ao ser questionado por outros jornalistas a respeito das declarações sobre a fome. Ele recuou e reconheceu que "alguns passam fome". "Olha, o brasileiro come mal. Alguns passam fome. Agora, é inaceitável num país tão rico como o nosso, com terras agricultáveis, e água em abundância".

Questionado se estava voltando atrás na declaração de mais cedo, Bolsonaro ameaçou encerrar a entrevista. "Ah, pelo amor de Deus, se for pra entrar em detalhe, em filigrana, eu vou embora. Eu não tô vendo nenhum magro aqui, tá certo? Temos problemas alimentares no Brasil? Temos, não é culpa minha, vem de trás, estamos tentando resolver", afirmou.

Segundo o IBGE, em números relativos a 2017, há 54,8 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza, dos quais 25,5 milhões (45%) estavam no Nordeste. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que a proporção de miseráveis no País subiu de 6,6% para 7,4% de 2016 para 2017. O Ipea classifica como miseráveis os que vivem com um rendimento médio domiciliar per capita de até um quarto do salário mínimo (R\$ 247).

O economista e diretor da FGV Social, Marcelo Neri, afirma que estudos revelam aumento também na percepção de pobreza. "Os dados mostram que, ano passado, 30% dos brasileiros diziam que não tinham dinheiro para comprar alimentos necessários a si e sua família", cita. "Extrema pobreza é não ter dinheiro para atender despesas alimentares. Há uma piora social nos últimos anos. Isso se relaciona com a recessão, o congelamento do Bolsa Família em 2015 e a maior inflação no mesmo ano", completa.

Para o coordenador executivo da Ação da Cidadania, Kiko Afonso, a fala de Bolsonaro demonstra que ele não conhece o Brasil. "O presidente mostra desconhecimento sobre o que é fome e insegurança alimentar, porque a pessoa não precisa estar esquelética para estar nessa condição".

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Francisco Menezes explica a relação entre o aumento da pobreza no País e o aumento da fome. "A gente associa a questão da fome a uma situação de vulnerabilidade a essa condição. Não significa que as pessoas estão permanentemente em estado de fome, mas elas buscam as mais diversas formas para sanar essa carência.

A declaração de Bolsonaro repercutiu também no mundo político. O senador

Otto Alencar, líder do PSD, se disse “estarecido”. “Ele não sabe o que se passa no interior do Brasil. Será que ele não entende a miséria da periferia do Rio? Não sabe que têm 15 milhões de brasileiros abaixo da linha de pobreza? É um disparate”.

Líder do PSL no Senado, Major Olímpio (PSL) minimizou as palavras. “Vejo como uma força de expressão dele. Não foi baseada em dados científicos. Ele quis dizer que, com abundância do Brasil, com a capacidade de produzir alimentos, é raro morrer de fome”.

Mas fala de Major Olímpio também esbarra nas estatísticas. Levantamento feito pelo jornal O Estado de S. Paulo no Datasus, portal de dados do Ministério da Saúde, mostra que cerca de 6 mil pessoas morrem por ano no País por desnutrição. As estatísticas apontam que entre os anos de 2008 e 2017 (último dado disponível), foram pelo menos 63.712 óbitos por complicações decorrentes da desnutrição, uma média de 17 mortes por dia. Somente em 2017, ao todo, 5.653 pessoas morreram de desnutrição no Brasil, ainda segundo informações do Ministério da Saúde. Uma média de mais de 15 pessoas por dia.

Segundo o médico Mario Carra, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), embora a desnutrição tenha diminuído muito nas últimas décadas no Brasil, ainda há parte da população que sofre com o problema. “Geralmente a desnutrição leva a morte em casos em que o sistema fica privado de calorias e proteínas e não produz anticorpos suficientes. Dessa forma, a pessoa fica mais suscetível a infecções oportunistas que podem matar”, explica o especialista.

# 30%

dos brasileiros não tinham dinheiro para comprar alimentos necessários a si e sua família, em 2018, segundo levantamento do IBGE.

“A desnutrição é a expressão corporal da fome”, afirma a professora Patricia Jaime, da Faculdade de Saúde Pública da USP. “A morte por desnutrição é um extremo, mas a gente tem estágios de desnutrição e estágios de insegurança alimentar nutricional. A gente não quer só que as pessoas não morram de fome, quer que as pessoas não vivam com fome”, diz.

O Ministério da Cidadania fez, em 2018, o Mapeamento da Insegurança Alimentar e Nutricional (Mapa InSAN). Os dados mostram que, no ano de coleta dos dados (2016), 427.551 crianças com menos de cinco anos que são atendidas pelo Bolsa Família tinham algum grau de desnutrição, que é medido de acordo com o déficit de peso por idade ou de altura por idade.

A desnutrição em crianças, grupo mais vulnerável, é o indicador recomendado pela FAO (órgão da ONU para comida) para medir a fome, segundo a professora Patricia Jaime.

De acordo com a última pesquisa do IBGE sobre o tema (com dados de 2013) 7,2 milhões de pessoas vivem em situação de insegurança alimentar grave no País, que é quando alguém passa o dia todo sem comer por falta de dinheiro para comprar alimentos e há redução quantitativa de alimentos entre crianças.

Outras 10,3 milhões de pessoas entram na categoria de insegurança alimentar moderada.

Entre as crianças com menos de cinco anos, 641 mil passam por insegurança alimentar grave, e 864 mil por insegurança alimentar moderada.

O presidente também criticou políticas de cunho social adotadas por governos anteriores. “Adotou-se do governo FHC (Fernando Henrique Cardoso) pra cá, PSDB e depois o PT, (a ideia de) que distribuição de riqueza é criar bolsa”, disse Bolsonaro. “É o país das bolsas. O que faz tirar o homem da miséria, ou a mulher, é o conhecimento”.





MARCOS CORRÊA/IMAGEM

**PLANALTO** Durante entrevista a jornalistas, presidente protagonizou várias querelas. Sobre a fome, tentou remediar

# Tom pejorativo ao Nordeste

Agência O Globo

Captada por microfones, uma declaração nesta sexta-feira (19) do presidente Jair Bolsonaro (PSL), durante café da manhã com jornalistas estrangeiros, provocou reações dos governadores do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), da Paraíba, João Azevêdo (PSB), e de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB). Bolsonaro conversava informalmente com o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni (DEM), segundos antes do início de entrevista coletiva a correspondentes de veículos de imprensa do exterior, quando declarou: "Daqueles governadores de... Paraíba, o pior é o do Maranhão. Não tem que ter nada com esse cara", disse o presidente para o ministro.

Pelo áudio da transmissão – distribuída pela TV Brasil, que pertence ao governo federal – não é possível saber o contexto da conversa. Procurado pela reportagem, o Palácio do Planalto informou que não vai comentar o episódio.

Quando Bolsonaro citava "um picareta" e um "ex-deputado", a fala foi interrompida pelo porta-voz da Presidência, Otávio do Rêgo Barros, que fez uma saudação aos correspondentes estrangeiros.

Pelo Twitter, Flávio Dino escreveu que, "independentemente de suas opiniões pessoais, o presidente da República não pode determinar perseguição contra um ente da Federação". "Seja o Maranhão ou a Paraíba ou qualquer outro Estado. Não tem que ter nada para esse cara" é uma orientação administrativa gravemente ilegal".

Ex-juiz federal, Dino disse que, por conhecer a Constituição e as leis brasileiras, continuará a "dialogar respeitosamente com as autoridades do



EDUARDO MATYSIAK/ESTADÃO CONTEÚDO

**“Me ameaça, com estranha raiva. Lamento e espero explicações, pois isso é algo incompatível com a Constituição”, disse o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB).**

governo federal e a colaborar administrativamente no que for possível”. E fez referência ao artigo 37 da Carta Magna, que estabelece princípios da administração pública para dizer que respeita os princípios da legalidade e impessoalidade.

Já João Azevêdo afirmou que condena “toda e qualquer postura que venha ferir os princípios básicos da unidade federativa e as relações institucionais deles decorrentes”.

“A Paraíba e seu povo, assim como o Maranhão e os demais Estados brasileiros, existem e precisam da atenção do governo federal independentemente das diferenças políticas existentes. Estaremos, neste sentido, sempre dispostos a manter as bases das relações institucionais junto aos entes federativos, vigilantes à

garantia de tudo aquilo a que tem direito. Pelo seu povo. E pela sua História”, escreveu o governador da Paraíba, em dois tuítes.

Em carta conjunta, os governadores do Nordeste receberam “com espanto e profunda indignação” a declaração. E, “em respeito à Constituição e à democracia”, buscarão manter produtiva a relação institucional com o governo federal.

“Independentemente de normais diferenças políticas, o princípio federativo exige que os governos mantenham diálogo e convergências, a fim de que metas administrativas sejam concretizadas visando sempre melhorar a vida da população. Recebemos com espanto e profunda indignação a declaração do presidente da República transmitindo orientações de retaliação a governos estaduais, durante encontro com a imprensa internacional. Aguardamos esclarecimentos por parte da Presidência da República e reiteramos nossa defesa da Federação e da democracia”.

Paulo Câmara publicou a carta em sua conta no Twitter, reforçando que “aguardamos esclarecimentos por parte da Presidência da República e reiteramos nossa defesa da Federação e da democracia”.

O Nordeste foi a única região do País em que Bolsonaro perdeu nas urnas para Fernando Haddad (PT), no segundo turno das eleições de 2018. Os governadores da região também se posicionaram contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que muda as regras previdenciárias do País.

Em 200 dias de governo, Jair Bolsonaro só veio ao Nordeste uma única vez, em maio, quando veio a Pernambuco cumprir agendas no Recife e em Petrolina. Na próxima terça-feira (23), ele deve inaugurar um aeroporto no interior da Bahia.

# Ataques a Míriam Leitão

Agência O Globo

Também no café, o presidente usou informações falsas para atacar a colunista do Globo Míriam Leitão. Jair Bolsonaro afirmou que a jornalista integrou a luta armada contra a ditadura militar instalada no País em 1964 e dirigia-se à guerrilha do Araguaia quando foi presa, na década de 1970. Disse ainda que Míriam mente ao afirmar que sofreu abusos e foi torturada na prisão.

Na última terça-feira, a 13ª Feira do Livro de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, anunciou ter cancelado a participação da jornalista e de seu marido, o sociólogo Sérgio Abranches, “para garantir a segurança dos convidados” no evento, após receberem uma petição de repúdio à presença

deles devido a seu “viés ideológico e posicionamento”.

Ao ser questionado sobre o episódio da feira, Bolsonaro se disse “completamente aberto à liberdade de imprensa”. Em seguida, acrescentou que Míriam Leitão deveria aprender a receber críticas – como ele, sustentou o presidente, teria aprendido. E, de forma equivocada, afirmou que a jornalista “tentou impor a ditadura no Brasil na luta armada”.

Em 1972, Míriam Leitão era, aos 19 anos, estudante universitária e militante do PCdoB, atuando no Espírito Santo. Suas atividades consistiam em reuniões, distribuição de panfletos e propaganda contra a ditadura militar instalada no país em 1964, após golpe de Estado. Durante sua militância, Míriam não integrou nem cogitou integrar a

guerrilha do Araguaia. “Não estava indo para a guerrilha do Araguaia. Nunca fiz qualquer ação armada”, afirma.

Míriam foi presa em 3 de dezembro de 1972 e levada para o 38º Batalhão de Infantaria do Exército, em Vila Velha. Lá, grávida, foi torturada e ficou encarcerada por três meses.

Em 1973, no Rio, prestou depoimento à Primeira Auditoria da Aeronáutica, onde foi julgada. Grávida de sete meses, ela denunciou a brutalidade a qual foi submetida, mesmo correndo riscos. “Narrei a tortura aos militares e ao juiz auditor, que fez constar nos autos um trecho do relato. Fui absolvida em todas as instâncias”, lembrou Míriam Leitão, que, apesar de a legislação permitir, nunca pediu indenização pela perseguição, a prisão e a tortura por agentes do Estado brasileiro.